

A doutrina da causalidade aristotélica como fio condutor para a construção da questão da técnica em Martin Heidegger

The Aristotelian doctrine of causality as guiding thread to the construction of the question concerning technology in Martin Heidegger

FRANCISCO WIEDERWILD DA SILVA¹/KATIELI PEREIRA²

Resumo: O artigo tematiza a construção da questão técnica moderna tendo como fio condutor a doutrina das quatro causas de Aristóteles. Heidegger, em *A Questão da Técnica*, inicia o processo de desvelamento da essência do fenômeno técnico a partir da crítica à determinação instrumental e antropológica da técnica, pressupondo a causalidade como seu fundamento. Ao resgatar a noção de causalidade dos pensadores gregos sintetizada na doutrina de Aristóteles, o filósofo constata que a *poiésis*, além de unir as quatro causas numa coerência, determina essencialmente a técnica antiga artesanal e a arte como formas de desvelamento do ente. Por fim, demonstra-se que o desvelamento da essência da técnica moderna só é possível a partir do caminho de pensamento que perpassa a doutrina das quatro causas aristotélica elucidando seu fundamento e a relação originária entre *poiésis* e composição.

Palavras-chave: Técnica moderna. Causalidade. *Poiésis*. Composição.

Abstract: The article discusses the construction of the modern technical question having as a guideline the doctrine of the four causes of Aristotle. Heidegger, in *The Question of Technique*, begins the process of unveiling the essence of the technical phenomenon from the critique of the instrumental and anthropological determination of technique, presupposing causality as its foundation. By rescuing the Greek thinkers' notion of causality synthesized in Aristotle's doctrine, the philosopher notes that *poiesis*, in addition to uniting the four causes in a coherence, essentially determines the ancient artisanal technique and art as forms of unveiling of beings. Finally, it is shown that the unveiling of the essence of modern technique is only possible from the path of thought that permeates the Aristotelian doctrine of four causes, elucidating its foundation and the original relationship between *poiesis* and composition.

Keywords: Modern technique. Causality. *Poiesis*. Composition.

Introdução

Vocês devem aprender a não se assustar quando lhes falam de Aristóteles. Aristóteles e os antigos gregos não estão "acabados", "obsoletos". Ao contrário, ainda nem começamos a entendê-los. (HEIDEGGER, 2009, p. 47).

O artigo propõe como tema a construção da pergunta pela essência da técnica moderna, dispondo da doutrina das quatro causas do filósofo Aristóteles como fio condutor para a edificação de uma relação livre com o fenômeno técnico. Heidegger

¹ Mestrando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: wiederwild@hotmail.com

² Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2012-2016). E-mail: katieli.p@outlook.com

assevera que, para tanto, é necessário superar a determinação instrumental e antropológica da técnica, que a concebe como uma atividade humana e instrumento passível de ser controlado. Comprometido com a proposta de controle, o homem contemporâneo permanece preso à técnica, sem liberdade, forçado a prestar apologia ou a negá-la.

A partir da crítica à determinação corrente, que concebe o fenômeno técnico como meio para fins, Heidegger reconduz a instrumentalidade da técnica à doutrina da causalidade aristotélica. Por conseguinte, determina a *poiésis* (produção) como responsável por unir numa coerência as quatro causas como modos de deixar viger o ente. Não obstante seja a *poiésis* essência da técnica antiga artesanal e da arte, a essência da técnica moderna se configura como um fenômeno radical e essencialmente novo.

Apoiada nas ciências da natureza, a técnica moderna, regida pela composição, se caracteriza como uma forma de desvelamento explorador, que compreende a natureza como fonte de recurso e informação. Neste ínterim, a técnica se torna uma questão fundamental para a contemporaneidade, pois, ao intervir tecnicamente em todos os níveis, o homem compreende a si mesmo como um ente presente na natureza e, com isso, como mais uma fonte de recurso e informação suscetível a exploração técnica, obscurecendo o caráter essencial que o distingue dos demais entes.

Diante deste perigo que ameaça a condição existencial humana, reduzindo-a às relações meramente técnicas, Heidegger propõe como salvação a edificação de uma relação livre com a técnica, mediante a *rememoração* do vínculo originário entre composição e *poiésis*. A salvação, portanto, torna-se possível somente com o pensar que abre caminho através da recondução da instrumentalidade da técnica à causalidade.

A doutrina de Aristóteles, contudo, não se configura apenas como um “ponto de partida” para a construção da questão da técnica. As quatro causas, como modos de deixar viger o ente, caracterizam o fator decisivo que permite ao pensamento conduzir-se à região originária que situa o mistério da técnica moderna, implicando, inclusive, na proposta de salvação indicada por Heidegger do perigo inerente ao fenômeno técnico.

A construção da questão

Ao introduzir a conferência *A Questão da Técnica*, Martin Heidegger assevera que a construção da questão permeará um *caminho de pensamento*. O pensador, então, aconselha ao leitor se ater ao caminho, evitando se deter às várias sentenças e títulos particulares (HEIDEGGER, 2012). As diversas proposições e jargões podem causar efeitos passionais imediatos que, quando não se fiam ao caminho de pensamento, invariavelmente obstruem a construção da questão. Por conseguinte,

distante do percurso indicado pelo filósofo, o leitor se veria pressionado a escolher entre prestar apologia ou a demonizar da técnica.

O caminho de pensamento proposto por Heidegger visa a construção da pergunta pela essência da técnica, com a tarefa de preparar uma *relação livre* com ela, sem negá-la e tampouco tentar controlá-la como se fosse um mero instrumento. O desígnio de “dominar com o espírito a técnica” não é sequer cogitado por Heidegger, pois a essência da técnica pela qual o filósofo pergunta não se confunde com as aparelhagens técnicas. Em suma, a essência da técnica não é “nenhum procedimento, nenhuma invenção, nenhum resultado, produto ou instrumento, mesmo e sobretudo o de última geração, há de nos mostrar o que é a técnica – a técnica moderna ou a tecnologia, pois é esta que está em questão.” (FOGEL, 2022, p. 164). Não obstante, o fato de o homem, na contemporaneidade, se ver na urgência de dominar a técnica indica um dos grandes dilemas de nossa época:

Tudo depende de se manipular a técnica enquanto meio e instrumento, da maneira devida. Pretende-se, como se costuma dizer, “*manusear com o espírito a técnica*”. Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem. (HEIDEGGER, 2012, p. 12).

A ameaça de escapar ao controle do homem coloca em perigo sua liberdade e integridade física, além de pôr em risco a preservação do meio ambiente. Partindo da premissa de que a técnica é meio para fins, a convicção tradicional presume que, para resolver este dilema, basta estipular novos fins – mais *seguros e sustentáveis* –, para assegurar o seu controle. Visto isso, o problema, para a concepção tradicional da técnica, não está no “meio” (na técnica), mas, sim, nos fins estipulados pelo homem. A habitual representação da técnica como meio para fins e uma atividade humana é problemática e, em última análise, revela a deficiência conceitual das tradicionais filosofias da tecnologia.

Irene Borges-Duarte, em *Arte e Técnica em Heidegger*, demonstra a fragilidade dessa noção a partir do fato de que, ao intervir tecnicamente em todos os níveis, o homem moderno alcança o bem-estar social, racionaliza o seu comportamento e domestica a natureza. Habitado ao bem-estar social que conseguiu estabelecer artificialmente, para conservá-lo e ampliá-lo, o homem domestica a si mesmo, convergindo tudo o que está sob seu domínio a esta finalidade. Neste sentido,

Aquilo que parecia um mero meio (a técnica) transforma-se no próprio motor do progresso social e, desse modo, impõe-se ao homem como “*o que há de fazer*”, como “*a maneira como comportar-se*”. (BORGES-DUARTE, 2019, p. 179).

O fato de a técnica ameaçar a liberdade humana e a preservação do meio ambiente demonstra que ela não é um simples meio, mas um poder que se impõe ao

homem e que ele não domina. Por isso, a constatação simplória de que a técnica como meio não é um problema, mas, sim, os fins estipulados pelo homem, é produto da deficiência conceitual da concepção tradicional que concebe a técnica como meio para fins e uma atividade humana, ignorando completamente a essência do fenômeno técnico.

Heidegger assegura que essa concepção tradicional se fundamenta na *determinação instrumental e antropológica da técnica*, que parte do pressuposto de que a técnica é um instrumento e uma atividade do homem, que estabelece os fins para o uso dos equipamentos técnicos. A determinação instrumental e antropológica da técnica, de acordo com Heidegger, é correta. “Quem ousaria negar que ela é correta? Ela se rege evidentemente pelo que se tem diante dos olhos quando se fala em técnica.” (HEIDEGGER, 2012, p. 12).

Em suma, a determinação instrumental e antropológica se configura a partir daquilo que se mostra, como instrumento e atividade humana, mas permanece cega para a essência da técnica, que persiste oculta a aplicação de meios para se alcançar fins. Por isso, embora seja correta, ela não é verdadeira:

Ora, somente onde se der o desencobrir da essência, acontece o verdadeiro em sua propriedade. Assim, o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro. E somente este nos leva a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência, nos concerne. (HEIDEGGER, 2012, p. 13).

É necessário, então, transcender a exatidão da determinação instrumental e antropológica, para se preparar a relação livre a partir da construção da pergunta pela essência da técnica. Para tanto, Heidegger sustenta que devemos nos empenhar na tarefa de *procurar o verdadeiro através e por dentro do correto*. É possível, com isso, atingir o verdadeiro quando descobrirmos o que é o instrumental em si e a que pertence o meio e os fins estipulados pelo homem, visto que “onde se persegue fins, aplicam-se meios; onde reina a instrumentalidade, aí também impera a causalidade.” (HEIDEGGER, 2012, p. 13).

A recondução da determinação instrumental e antropológica às quatro causas da doutrina aristotélica

O caminho de pensamento para a construção da pergunta pela essência da técnica atravessa a exatidão da determinação corrente, “reconduzindo a instrumentalidade às quatro causas.” (HEIDEGGER, 2012, p. 13). Essa recondução da determinação instrumental às quatro causas transforma o problema da causalidade em uma estação indispensável em meio ao caminho de pensamento proposto por Heidegger, sem a qual não é possível a edificação de uma relação livre com essência da técnica.

Em uma carta à Medard Boss, datada de 28 de outubro de 1953, Heidegger assevera que, ao preparar o texto para a conferência *A Questão da Técnica*, foi necessário mergulhar profundamente na questão da causalidade, para determinar a relação do homem com a natureza e com a arte:

Na cabana³ escrevi um amplo esboço que me fez mergulhar profundamente na questão da causalidade. Mas agora a dificuldade principal é conservar uma linha simples para uma conferência de duas horas que focalizasse simultaneamente nossa relação com a natureza e com a arte, e que, principalmente, não seja pesada e *heideggeriana demais!* (HEIDEGGER, 2009, p. 289).

O risco de tornar a conferência “*pesada e heideggeriana demais*” se deve a complexidade relacionada a tematização da técnica moderna e, no que tange a causalidade, o fato de ela ser obscura em sua essência. A procura pelo verdadeiro, então, deve abrir caminho a partir da elucidação do fundamento da causalidade e, por conseguinte, da determinação corrente da técnica. Heidegger esclarece, inicialmente, que a causalidade conforme pensada pela metafísica tradicional é radicalmente diferente da causalidade no sentido grego. Para a tradição metafísica que sucede a filosofia grega clássica, as quatro causas são compreendidas como *operação de efeitos*. “Efetuar significa, então: visar resultados, efeitos”. (HEIDEGGER, 2007, p. 378).

A causalidade conforme compreendida pelos gregos remete à doutrina aristotélica das quatro causas que, segundo Heidegger, foi assimilada e difundida pela tradição metafísica como “eficiente”. Giovanni Reale, no volume II de *História da Filosofia Antiga*, por exemplo, defende que, dentre as definições possíveis⁴, a metafísica de Aristóteles é “a doutrina das causas primeiras”, assumindo que a “vontade humana é a causa eficiente das várias ações humanas”. (REALE, 1994, p. 341). Outros manuais sobre a filosofia de Aristóteles, como o *Curso de Filosofia Aristotélica*, de Eduardo C. B. Bittar, caracterizam o homem como “o portador de um saber instrumentalizável em causa eficiente para a transformação da matéria.” (BITTAR, 2003, p. 385).

Contudo, ao traduzir a palavra grega “*aitía*”, causa, com a palavra latina “*casus*”, a metafísica que sucedeu a Aristóteles dotou-a de um sentido completamente diferente do original. Heidegger recorda que a palavra latina *casus*, pertencente ao verbo *cadere*, cair, que permite que algo “caia” ou surja de uma

³ Trata-se da famosa cabana construída em 1922, a margem da aldeia de Todtnauberg, no meio da Floresta Negra, Alemanha, onde Heidegger escreveu importantes ensaios, na qual passou os seus dias livres e recebeu amigos até o fim de sua vida (SAFRANSKI, 2000).

⁴ Segundo Reale (1997), além de “doutrinas das causas primeiras”, é possível definir a metafísica aristotélica como “doutrina do ser enquanto ser”, “ciência que indaga a substância enquanto o ser fundamental” e “doutrina teleológica” que, ao radicalizar a busca pelas causas até as últimas consequências, encontra Deus.

determinada maneira no resultado. Este processo de produção ocorre mediante o que Heidegger designa como *pensamento calculador*, que assume o homem como *causa eficiente* (HEIDEGGER, 2012).

O cálculo auferido pelo pensamento neste processo de produção não é necessariamente uma forma de operar com números. “Em sentido essencial e amplo, calcular significa contar com alguma coisa, levá-la em consideração e observá-la, ter expectativas, esperar dela alguma coisa.” (HEIDEGGER, 2012, p. 50). Neste sentido, a causa eficiente, o homem, dispõe dos meios de produção, estipula os fins e, por conseguinte, *conta* com o resultado. O produto do processo de produção, então, surge como resultado de um processo causal, que assume a causa eficiente como o fator determinante.

Entretanto, “a doutrina de Aristóteles não conhece uma causa chamada eficiente e nem usa uma palavra grega que lhe corresponda.” (HEIDEGGER, 2012, p. 15). O homem, enquanto artífice, é uma das causas determinantes segundo a doutrina aristotélica, mas de forma alguma como “eficiente” e tampouco configura o fator decisivo da causalidade. No quinto livro de *Metafísica*, Aristóteles assevera que as causas primeiras se reduzem a quatro modos: causa formal, causa material, causa final e *princípio primeiro de mudança* (assimilado pela tradição como “causa eficiente”). (ARISTÓTELES, 2002). Visto isso, o homem, como princípio de mudança, junto as demais causas, é uma das causas que permitem ao ente, na produção, passar do encobrimento para o desencobrimento.

As quatro causas que concernem a doutrina da causalidade aristotélica são formas de “deixar viger”, que conduzem o desvelamento do ente, a *Alétheia*:

Onde nos perdemos? Questionamos a técnica e chegamos, agora, à ἀλήθεια [*Alétheia*]. O que a essência da técnica tem a ver com o desencobrimento? Resposta: tudo. Pois é no desencobrimento que se funda toda a produção. Esta recolhe em si, atravessa e rege os quatro modos de deixar-viger a causalidade. À esfera da causalidade pertencem meio e fim, pertence a instrumentalidade. Esta vale como o traço fundamental da técnica. (HEIDEGGER, 2012, p. 17, acréscimo nosso).

Toda produção, neste sentido, incide dos quatro modos de deixar viger, que se fundam na noção grega de verdade como desvelamento. Marlène Zarader afirma que os pensadores da Grécia Antiga compreendiam *Alétheia*, por um lado, como desvelamento, como a vinda do ente à presença; e por outro lado, como velamento ou ocultação. A palavra *A-létheia* é formada por um “a” privativo, que caracteriza o traço essencial do desvelamento e pressupõe o ocultamento originário do qual procede a verdade. Desvelamento, nesta perspectiva, significa a saída para fora, a vinda à presença do ser a partir da ocultação (ZARADER, 1997).

O caminho de pensamento proposto por Heidegger, que procura o verdadeiro por dentro da exatidão da determinação instrumental, portanto, remonta o conceito de verdade em seu sentido grego originário, como desvelamento. “A técnica não é um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento.” (HEIDEGGER, 2012, p. 17). Não obstante, a técnica antiga e artesanal, como desempenhada pelos gregos contemporâneos de Aristóteles, correspondia a uma forma específica de desencobrimento: o desvelamento *poiético*, que opera como *responder e dever*.

Logo, as quatro causas, enquanto modos de deixar viger, “são quatro modos, coerentes entre si, de responder e dever.” (HEIDEGGER, 2012, p. 14). Não se trata, porém, de dever e de responsabilidade no sentido estritamente moral. Para ilustrar como as quatro causas conduzem o desvelamento do ente, Heidegger oferece o exemplo da produção de um cálice de prata: o cálice deve à prata (causa material) aquilo de que é feito; deve à forma (causa formal) aquilo que a define previamente; o fim (causa final) responde pelo utensílio, circunscrevendo-o na esfera da libação; e finalmente, o homem responde pelo cálice, ao recolher, mediante a reflexão, numa unidade as três causas supracitadas.

A produção, nesta perspectiva, não se restringe a atividade de confecção artesanal do cálice. Se assim fosse, o homem seria, tal como compreende equivocadamente a tradição metafísica, “causa eficiente”: aquele que estipula uma meta (causa final) e que, mediante a aplicação de meios, produz o cálice como resultado de um processo de confecção. Produção, *poiésis*, é uma forma de desvelamento, que conduz o ente do encobrimento para o desencobrimento, e o homem é um dos modos de deixar viger do ente, responsável por unir mediante a reflexão as demais causas (HEIDEGGER, 2012). Com isso, encontramos elementos suficientes para responder às seguintes indagações de Heidegger:

Por que existem precisamente quatro causas? No tocante às quatro causas, o que significa “causa” em sentido próprio? De onde se determina o caráter de causa das quatro causas e de modo tão uniforme a ponto de se pertencerem uma à outra numa coerência? (HEIDEGGER, 2012, p. 13).

O caráter de causa das quatro causas é fundado pela *Alétheia* como forma de conduzir o ente do encobrimento para o desencobrimento. Causa, neste sentido, é uma forma de *deixar viger*, enquanto um modo de fazer o ente surgir ou aparecer. Mas uma causa só deixa viger o ente, se associada com outra causa numa coerência e uniformidade, que é determinada pelo homem, que as une mediante a reflexão: o homem “reflete e recolhe numa unidade os três modos mencionados de responder e dever”. (HEIDEGGER, 2012, p. 15).

A condução do caminho para a salvação dos perigos derivados da exploração técnica

Questionada a instrumentalidade da técnica, a partir da decomposição da doutrina aristotélica das quatro causas, o caminho de pensamento desenhado por Heidegger revelou o caráter de desvelamento da técnica antiga artesanal e alcançou a sua essência, a produção (*poiésis*). Mas embora a produção seja a essência da técnica artesanal e da arte, ela não corresponde a essência da técnica moderna. O desvelamento que rege a técnica moderna é uma forma de *exploração*, que compreende a natureza como fonte de recurso e informação (HEIDEGGER, 2012).

Heidegger denomina a essência da técnica como *Gestell*, composição, uma palavra alemã coloquialmente utilizada para designar a “estrutura” de objetos como uma estante de livros, um chassi de automóvel ou um esqueleto (HEIDEGGER, 2012). Visto isso:

Composição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele que põe, ou seja, que desafia o homem a descobrir o real no modo da disposição, como disponibilidade. Composição denomina, portanto, o tipo de descobrimento que rege a técnica moderna, mas que, em si mesmo, não é nada técnico. (HEIDEGGER, 2012, p. 24).

Como a essência da técnica não se confunde com aparelhos técnicos, a *Gestell* configura a força ontológica de reunião que estrutura e expõe na disponibilidade. Em outras palavras, trata-se de um poder que se impõe ao homem e que ele não domina, provocando-o a agir tecnicamente compreendendo o real como fonte de recurso e informação, o que, nas palavras de Heidegger, equivale a “descobrir o real como disponibilidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 24).

A novidade inaugurada pela técnica moderna, em comparação com a técnica antiga, se deve ao fato de sua essência surgir apoiada na teoria da natureza desenvolvida pela física moderna:

A teoria da natureza, proposta pela física moderna, não preparou o caminho para a técnica, mas para a essência da técnica moderna. Pois a força da exploração, que reúne e concentra o descobrimento da disposição, já está regendo a própria física, mesmo sem que apareça, como tal, em sua propriedade. (HEIDEGGER, 2012, p. 25).

A concepção tradicional supõe que a técnica moderna é uma derivação da ciência, caracterizando-se como uma forma de “ciência aplicada”, devido ao fato de ter se desenvolvido no fim do século XVIII na esteira da ciência da natureza, que nasceu no início do século XVII. Embora a técnica moderna surja cronologicamente depois da revolução científica, sua essência já imperava na teoria da natureza inicialmente proposta por Galileu Galilei e consumada por Isaac Newton, que descrevem a natureza como passível de ser explorada como fonte de recurso e informação. Por isso, somente mediante a perspectiva de que a técnica se configura como uma forma de *Alétheia*, desvelamento, é possível compreender a relação

originária entre técnica e ciência e a distinção entre técnica moderna e técnica antiga artesanal (FERREIRA JÚNIOR, 2012).

Para determinar a distinção radical entre técnica moderna e técnica antiga e artesanal, Heidegger elenca os seguintes exemplos:

(...) Uma região se desenvolve na exploração de fornecer carvão e minério. O subsolo passa a se descobrir, como reservatório de carvão, o chão, como jazidas de minério. Era diferente o campo que o camponês outrora lavrava, quando lavar ainda significava cuidar e tratar. O trabalho do camponês não provoca e desafia o solo agrícola. (HEIDEGGER, 2012, p. 19).

O filósofo, com isso, define o contraste entre a figura do minerador, que opera baseado na técnica moderna, e a figura do camponês, que desempenha seu ofício assentado na técnica artesanal. Lavar e cuidar da terra, conforme desempenhados pelo camponês, é uma forma de desvelamento no sentido da *poiésis*: conhecer no ato de produzir. O desvelamento auferido pelo minerador moderno, porém, é radicalmente diferente: ele provoca a terra a se descobrir, para extrair os minérios. O que é o solo para o minerador? Um reservatório de carvão e minérios. O minerador explora a terra; o camponês a cultiva.

Ao provocar a natureza a se descobrir como fonte de recurso e informação, o homem contemporâneo corre um grande perigo. Não se trata, entretanto, do risco eminente de acidentes com máquinas perigosas as quais os operadores estão expostos ou na destruição da integridade física humana consequente dos avanços da engenharia militar. Trata-se de uma ameaça oriunda da dimensão ontológica à condição existencial humana: a redução do homem às relações meramente técnicas. Consequentemente, em meio a um profundo esvaziamento de pensamento, o homem contemporâneo enxerga a si mesmo como mais um ente presente na natureza, passível de ser explorado como fonte de recurso e informação (RÜDIGER, 2014).

Afinal, qual a proposta de salvação elaborada por Heidegger em relação a este perigo que ameaça a condição existencial humana? Ora, se o perigo ao qual o homem está exposto não ameaça à sua integridade física e psicológica, a salvação não consiste em simplesmente distanciá-lo das máquinas e tecnologias que eventualmente podem ameaçá-lo. “Salvar diz: chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho.” (HEIDEGGER, 2012, p. 31). Portanto, a salvação consiste na construção da pergunta pela essência da técnica para, mediante consumação de uma relação livre com ela, fazê-la aparecer em seu próprio brilho.

No encerramento da conferência *A Questão da Técnica*, Heidegger apresenta a hipótese de que a salvação dos perigos derivados da exploração técnica é possível mediante o questionamento de sua essência, “num espaço que, de um lado, seja consanguíneo da essência da técnica e, de outro, lhe seja fundamentalmente

estranho.” (HEIDEGGER, 2012, p. 37). A técnica antiga artesanal e a arte, por serem essencialmente *poiéticas*, dispõem o espaço que expressa essa ambiguidade.

A relação de consanguinidade – de familiaridade – entre arte, técnica artesanal e técnica moderna provém do fato de que elas são modos de desvelamento do ente e possuem origem comum. Não obstante, embora consanguínea a *poiésis*, a essência da técnica moderna, a composição, é fundamentalmente estranha as formas de desvelamento *poiético*, por se estabelecer como desvelamento explorador. Com isso, Heidegger sustenta a hipótese de que é possível atingir a salvação do perigo emitido pela essência da técnica moderna mediante a *rememoração* do vínculo originário entre composição e *poiésis*. Questionando, assim, o vínculo entre ambas, é possível revelar o mistério que compõe a essência da técnica moderna e transcender a determinação instrumental e antropológica (WIEDERWILD, 2022).

Para tanto, é necessário percorrer o caminho que passa através e por dentro da exatidão da determinação instrumental e antropológica, reconduzindo a instrumentalidade às quatro causas da doutrina de Aristóteles. Visto isso, o caminho de pensamento proposto por Heidegger se desdobra a partir da doutrina aristotélica e se encerra quando chega a *poiésis*, a estação terminal responsável por unir as quatro causas numa coerência. A tarefa fundamental legada por Heidegger à contemporaneidade, neste íterim, consiste na consumação da rememoração da relação originária entre composição e *poiésis*, para conduzir o caminho de pensamento a estação da salvação, o abrigo que aguarda obscurecido na mais remota distância.

Considerações finais

Conforme o caminho de pensamento proposto por Heidegger se desdobra, a relação livre com a essência da técnica moderna se estabelece não mediante a negação e demonização do fenômeno técnico, mas por meio da compreensão da técnica como uma forma de desvelamento. Neste sentido, a relação livre com a técnica se configura a partir da recondução da determinação instrumental à causalidade sintetizada pela doutrina de Aristóteles, procurando o verdadeiro através e por dentro da exatidão da determinação instrumental e antropológica.

A recondução da determinação instrumental à causalidade nos permitiu delimitar a *poiésis* como fundamento das quatro causas e corrigir a interpretação equivocada sustentada pela tradição metafísica posterior a Aristóteles da doutrina das quatro causas como “*eficiente*” e, ademais, tornou exequível a distinção radical entre técnica moderna e técnica antiga artesanal como modos de desvelamento do ente.

Determinando a técnica como uma forma de desvelamento e as quatro causas como modos de deixar viger o ente, reconhecemos a radical transformação da forma como o homem compreende a realidade, antes e depois do imperialismo da essência da técnica moderna. Além disso, identificamos o perigo a qual a humanidade

encontra-se exposta e para o qual a tradição metafísica, até então, permanece cega: ao compreender a técnica como mero instrumento e atividade humana, ignora completamente a vigência de sua essência que incide sobre o homem como um poder que ele não domina.

A tematização do vínculo originário entre composição e *poiésis*, na terceira parte de nossa reflexão, tornou possível elucidar que a hipótese de salvação dos perigos derivados da exploração técnica foi construída por Heidegger através e por dentro da determinação instrumental fundamentada pela vigência das quatro causas. Ao se deter a doutrina da causalidade edificada há mais de dois milênios por Aristóteles, Heidegger abre caminho para pensar o imperialismo da técnica no presente, demonstrando que as raízes históricas deste problema se remetem a remota aurora do pensamento Ocidental. Com efeito, a construção da questão da técnica moderna só é possível mediante o diálogo fecundo com os antigos pensadores gregos.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Edição bilingue, traduzida para a língua italiana e comentada por Giovanni Reale. Edição de texto de Marcos Marcionilo e revisão de Marcelo Perine.
- BITTAR, Eduardo C. B. *Curso de Filosofia Aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico*. São Paulo: Manole, 2003.
- BORGES-DUARTE, Irene. *Arte e Técnica em Heidegger*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.
- FERREIRA JÚNIOR, Wanderley J. *A Era da Técnica e o Fim da Metafísica*. São Paulo: Editora PHI Ltda, 2012.
- FOGEL, Gilvan. *Do Coração Máquina – A Técnica Moderna como Compaixão do Homem pelo Homem*. Rio de Janeiro: editora MAUAD X, 2022, primeira edição.
- HEIDEGGER, Martin. *Ciência e Pensamento do Sentido*. [Ensaio e Conferências]. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. Tradução de Emanuel Carneiro Leão.
- _____. *A Questão da Técnica*. [Ensaio e Conferências]. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. Tradução de Emanuel Carneiro Leão.
- _____. *A Questão da Técnica*. *Scientiae Studia*. São Paulo: v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/QQFQSQx77FqjnxGrNBHDhD/?lang=pt>. Tradução de Marco Aurélio Werle. Acesso em: 21 de jun. de 2022.
- _____. *Seminários de Zollikon*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009. Tradução de Gabriella Arnhold e maria de Fátima de Almeida Prado.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: volume II, Platão e Aristóteles*.
- RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a Questão da Técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger um mestre na Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- WIEDERWILD, Francisco. *A Arte Como Salvação dos Perigos Derivados do Esquecimento do Ser: uma Hipótese Heideggeriana*. STVDIVM: Anuário do Grupo de Pesquisa

Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica. Org. KAHLMEYER-MERTENS, Roberto; FELIX, Wagner Dalla Costa; DIAS, José; PERIN, Ricardo José; PEREIRA, Katieli; WIEDERWILD, Francisco. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/121W5VaPkDGkwPOYeGfDoPIQAWVhVVnAT/view>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

ZARADER, Marlène. Heidegger e as Palavras de Origem. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. Tradução de João Duarte.

Submissão: 22. 08. 2022 / Aceite: 29. 09. 2022